MENOS GENTE

Mauro Zackiewicz

NOTA DO AUTOR

Comecei a escrever Menos Gente no final de 2019, exatamente no dia 24 de outubro. Um enredo composto a partir de fatos concretos e imaginários desta nossa estranha era pré-apocalipse. Uma tarde de calor opressivo a trinta e cinco graus em São Paulo, com muitas IAs por perto, silenciosas, vigiando. Ainda antes da primeira pandemia.

❋ ✶ ❀

I

17 de novembro de 2034 (sexta)

Todos os anos, no dia dezessete de novembro, ela celebrava o mesmo ritual. A mesa do café posta para dois. Um pequeno bolo de laranja, uma salada de frutas, pão, manteiga, mel. Em uma das cadeiras, um velho leão de pelúcia olhando quieto para os pratos e o café fumegante.

Pê faria vinte e um anos.

Imaginava como seria se ele estivesse ali, morando com ela, e fazia perguntas para o seu interlocutor leonino.

– Ele estaria namorando alguém, Troll?

– Só se fosse a Débora, lá da escolinha. – Sua voz para o leão era grave e rouca.

– Ah, mas acho que eu não ia deixar, não.

– Mas eu tenho certeza que eles dariam certo.

Enquanto conversava com Troll, comeu duas fatias de pão preto carregadas de manteiga e mel, exatamente como o Pê gostava, e tomou café com leite. Não tocou na salada de frutas, nem no bolo. Deixaria a mesa montada pelo resto do dia. Era assim que fazia todos os anos.

Ela não tinha mais velas. Ao invés de velas, acendeu um feixe compacto de ervas silvestres em uma panelinha de metal, cuidadosamente posicionada no centro da sala. Sentada com as pernas cruzadas, em completo silêncio, observou por alguns minutos os caminhos circulares da fumaça. Não era fácil para ela aceitar as promessas de salvação, eternidade, providência. Ao mesmo tempo, depois de todos aqueles anos, aprendera a tratar o mistério com respeito. Muita gente morreu em muito pouco tempo. Gente demais. Milhões, talvez bilhões. Uma lista interminável de baixas. Um mundo que ficou esvaziado, abandonado, quase deserto.

Pê, Pedro, Pedroca. Ele tinha doze anos quando pegaram o ví-

rus. Tudo muito rápido. Ela ficou mal, parecia até pior do que ele, prostrada de febre e dores. Mas foi ele quem não aguentou. Os dois ainda moravam em São Paulo.

– Como me arrependo por ter demorado tanto para sair de lá.

Troll não disse nada. Conhecia bem essa parte da história. Ele e mais alguns poucos objetos que acompanharam Cintia para o Sul de Minas depois da morte do Pê. Ela já vinha de uma longa sequência de projetos e tentativas, mas foi a perda do filho que desencadeara a série de atitudes profundas, viscerais, quase incompreensíveis para quem a conhecia, que os levaria para o lugar onde agora estavam.

Cintia, literalmente de um dia para o outro, deixou toda sua antiga vida para trás. Uma mudança instantânea e definitiva, sem despedidas. Partiu levando consigo apenas o que coubera em sua mochila.

Em Minas, Cintia recomeçou anônima, sem documentos, sozinha. Não contou muito de sua história e não insistiram em saber, o mundo já estava transtornado em 2025. Conseguiu se arranjar como professora em um bairro rural, substituindo uma moça que também caíra vítima do vírus daquele ano.

Por um bom tempo, ela não quis receber nem procurou por notícias de seus amigos e familiares. E quando, finalmente, mudou de ideia, isso já não era mais possível.

– É, Troll. A gente sempre acaba lembrando dessas coisas tristes, não tem jeito.

O leão a fitava compreensivo, carinhoso.

– É, Cintia. Não podemos mudar o passado.

Antes de sair para a rua, Cintia cuidou de deixar sua casa bem arrumada, mais arrumada do que a deixava normalmente. Uma casa para agradar o hóspede daquele dia. Regou as plantas da varanda, varreu o assoalho, lavou a louça e colocou em sua sacola de pano todas as coisas que precisaria para o dia.

– Tchau, meninos. Sem bagunça e não comam o bolo todo.

Descer para o centro da Vila restabelecia a rotina conhecida. As sombras das jovens árvores enfileiradas no meio das ruas sem cal-

çadas e sem carros. O céu limpo da manhã e as montanhas que aproximavam o horizonte. Seu plano de subir no dia seguinte até o Alto da Bica fazia ainda mais sentido naquela manhã. Estava sentindo falta. Soltar os músculos, recarregar o sangue com o prazer de andar pelas montanhas.

– O Pê ia gostar lá de cima.

O caminho das sextas-feiras era uma linha reta e direta em direção ao centro da Vila, onde ficava a pequena biblioteca. Bem em frente a uma das laterais do amplo largo que formava a praça principal.

Aquela Vila fora construída sobre os despojos de um antigo vilarejo isolado na Mantiqueira, aproveitando algumas casas e parte do traçado das ruas. No final de 2028, o Exército Aumentado transferiu centenas de pessoas para lá. Foi uma corrida contra o tempo. Escolheram as pessoas sem muitas explicações e as instalaram na Vila. Famílias inteiras. E mais algumas peças avulsas que pudessem ser úteis para a comunidade. Cintia, a professora, era uma dessas peças.

Diziam que sobrara pouca coisa do mundo e que aquelas vilas isoladas seriam por um bom tempo a única opção segura. Um lugar para todos viverem protegidos das doenças e afastados das ruínas arriscadas e depressivas das cidades.

E, de fato, na medida do possível, a vida naquela comunidade era funcional e bem organizada. As pessoas tinham boas condições de convívio e subsistência, uma vida simples e agradável. A Vila conseguia cumprir bem a sua função de preservar e proteger os sobreviventes.

A rede de vilas se espalhava por boa parte do Brasil e chegava inclusive a alguns países vizinhos ao sul. Eram todas elas controladas pelo Exército Aumentado. As instalações e as patrulhas do Exército Aumentado viabilizavam a comunicação, o transporte e os recursos mais sofisticados. Os aumentados organizavam a vida nas vilas mas não conviviam com as pessoas das vilas.

Tal exército, no sentido muito particular que poder e força adquiriram desde a década de 2020, era formado por gente que usava

implantes de hardware conectados ao corpo e ao sistema nervoso. Indivíduos que foram "aumentados" com chipes capazes de contato permanente com um sistema compartilhado de informações e inteligências artificiais dedicadas, as IAs.

Existia uma evidente hierarquia dentro do Exército Aumentado e subir nessa hierarquia significava receber mais implantes e se tornar mais forte e conectado. Entretanto, até aonde isso ia, quem eram os líderes e onde ficavam, o que faziam e por quais razões, ninguém nas vilas sabia.

✹ ✻ ✯

Na frente da biblioteca, várias crianças falavam alto e corriam em brincadeiras. O volume aumentou quando viram que Cintia estava chegando.

– Bom dia, professora!

Ela destrancou e abriu um dos lados da porta de madeira que dava para a rua, liberando o fluxo excitado dos pequenos para dentro do prédio, uma das poucas construções remanescentes de um outro tempo.

– Devagar, turminha.

Toda sexta-feira a aula acontecia na biblioteca. As crianças gostavam porque nunca era exatamente uma aula. Era dia de leitura, de jogos e brincadeiras. Algumas sentavam com ela para ouvir contos e poesias. Outras escapavam para começar ou continuar alguma brincadeira importante. As mais velhas fuçavam as prateleiras, se debruçavam nos jogos de tabuleiro ou liam para as menores imitando os trejeitos da professora. Para cada sexta-feira Cintia preparava uma atividade diferente.

A ideia de usar aquele espaço como biblioteca tinha sido dela. Desde que chegou naquela vila isolada ela tinha claro que precisariam muito dos livros. Não havia mais a velha internet. Toda a antiga infraestrutura de comunicação de dados fora absorvida pelos aumentados. Vivendo naquelas colônias de gente comum, eles no máximo tinham acesso à Central de Trocas, onde era feita a programação de compra e venda de produtos e pacotes de energia.

– Você não está estranhando esse tempo todo sem ninguém aparecer?

Débora tinha acabado de entrar na biblioteca, iluminando as madeiras escuras das prateleiras com seu rosto bonito e falante de vinte e dois anos.

As patrulhas visitavam a Vila pelo menos uma vez por mês. Ficavam um ou dois dias, faziam reuniões, inspecionavam as atividades programadas e o estado das infraestruturas essenciais, ouviam e anotavam as reclamações e, quando era necessário, mediavam conflitos e contendas que às vezes surgiam entre os moradores.

– Quase dois meses, né? – Cintia fechou seu caderno e voltou toda a atenção para a assistente.

– Mais de dois meses, a última veio no início de setembro.

– Eles já ficaram mais tempo do que isso sem aparecer. Nunca avisam quando virão ou quanto tempo ficarão sem vir. Faz parte do show.

– E estão dizendo que tem uns drones furando a programação das Trocas.

– Não estou sabendo.

– Ouvi dizer que várias coisas não chegaram, e que outras estão lá paradas e ninguém sabe quando serão enviadas.

– Verdade? Então vou ter que dar uma passada lá daqui a pouco. Tenho uma entrega agendada para a próxima quarta.

– Você podia aproveitar e pedir os livros de novo. O pessoal da Vila andou doando alguns créditos para a escola, não?

– Falam mais do que depositam.

– E nunca é demais tentar mais daquelas canetinhas coloridas e papel. As crianças adoram.

Canetas, papel, cadernos. Esses eram itens difíceis que precisavam ser garimpados nas ruínas. Não havia mais produção desses itens que outrora eram industrializados. As vilas produziam algumas coisas, mas não tudo.

– Isso sempre está na lista. Depende deles acharem. Ou ao menos procurarem, né?

– Parece mesmo que não dão muita bola para isso.

– Eu acho que só trazem quando cai no colo deles. Essa conversa de que estão procurando, que está difícil, e blá blá, não me engana não.

– Igual a esses livros que mandaram da última vez. E ainda cobraram.

– Pois é. Eu já estou desistindo dos livros. A gente diz exatamente quais queremos e eles fazem de conta que não entendem. E nos mandam essas porcarias.

Além disso, Cintia não gostava de chamar muito a atenção para a biblioteca. Os aumentados até então tinham tolerado bem, mas nada garantia que um dia não iriam passar em revista o acervo que elas mantinham ali. Pelo tipo de coisa que eles mandavam, dava para perceber que a limitação do repertório era proposital. Chegavam livros técnicos, de construção, culinária, agronomia, medicina e também as coisas básicas como matemática, biologia e química. Mas nunca vinha nada que falasse de política, história ou filosofia. Nem nada de literatura decente. Só bobagens de autoajuda e romances descartáveis, tão reféns de fórmulas que mais pareciam escritos por IAs.

A escassez de materiais fazia bem para a criatividade. Para a escolinha, elas aproveitavam laptops antigos que não tinham mais muita utilidade e as crianças os usavam para escrever, desenhar e circular informações entre si. Cintia tinha dado um jeito de montar uma rede de comunicação fazendo conexões pelo bluetooth.

– Débora, você já terminou de configurar a última leva de laptops?

Ela tinha ensinado a menina a zerar os computadores, apagar tudo e reinstalar uma distribuição linux que ela carregava consigo desde muito tempo. Cintia tinha montado o seu próprio linux seguro quando ainda morava em São Paulo. Seu sistema desativava todo o acesso à rede e controlava cuidadosamente o tráfego de entrada e saída das informações. Ela sabia exatamente o que estava rodando em cada máquina. Para conectar na rede da escola era preciso configurar tudo manualmente e autorizar cada nova máquina em todas as demais.

– Tô fazendo, mas isso dá trabalho. Não dá para simplificar essas conexões, não?

– É o melhor que podemos fazer, não tem muito como facilitar. Não quero deixar nenhuma brecha para eles entrarem. Simplificar ou automatizar, nesse caso, pode nos levar a aceitar uma conexão externa. Daí, pronto, vão nos monitorar também por aqui.

– Como você aprendeu tudo isso?

– Eu trabalhava com isso, né? Um dia vi que estava sendo vigiada demais, estava cercada por algoritmos. Fui atrás descobrir como me proteger e, com o tempo, desenvolvi meus métodos.

Cintia quase não falava sobre o seu passado. Mas sempre que Débora tinha uma oportunidade tentava arrancar alguma nova história, algum novo detalhe.

– Descobriu como? Pela internet? Eu lembro que tinha jogos, vídeos, tinha também um tal de Gugol, Guguol, usei umas vezes na escola.

– Sim, tinha muita, muita coisa na internet. Tendo foco e objetivo era possível aprender qualquer coisa.

– É uma pena que não tenhamos mais acesso a isso.

– É e não é. Olhando agora, de longe, acho que o custo não pagava o benefício. Para a maioria das pessoas a internet só jogava contra elas. Para quem soubesse usar a seu favor, tudo bem, mas a maioria não sabia. Então, quem sabia acabava tendo seu poder amplificado e acabava manipulando os demais.

– Estranho isso.

– Quando a manipulação é bem feita você nem percebe.

– Credo. Ainda bem que agora estamos livres desse tipo de coisa.

Cintia sabia que não estavam. O controle e a manipulação apenas tinham mudado de forma. Era claro para ela que os aumentados monitoravam os habitantes das vilas, impunham limites às suas ações, moldavam os comportamentos. Eles tinham acesso a IAs poderosas e não havia motivo para não as usarem com esse propósito. O controle do Exército Aumentado era benevolente, parecia benevolente, mas ainda assim era controle.

– O problema agora é que tem muita coisa que não sabemos. Isto é, nós sabemos apenas o que eles nos dizem, o que é para sabermos. Que somos todos monitorados por sensores, drones, pelo que compramos e vendemos, não tenho dúvidas. O que não sabemos é o que eles fazem com essas informações. Isso me deixa ressabiada. Somos todos usuários do sistema deles. E sermos só usuários nos coloca num lugar muito frágil.

– Mas você acha que eles usariam as IAs contra nós? Nunca vi nada, não acho que tenha maldade por partes deles.

– Justamente. Um bom sistema de controle é assim. Você pensa que está ganhando.

– Ai, Cintia, muita paranoia sua. Nada nunca aconteceu.

– Talvez. Mas não consigo evitar. Sei como isso funciona. Bom, mas deixa para lá. O importante é a gente cuidar da nossa vida e das crianças.

Crianças que já estavam a rodeá-las. Já passava das nove e meia e elas estavam prontas e ansiosas para a atividade do dia. As brincadeiras, novidades e desafios que Cintia preparava. Elas gostavam.

Hoje era dia de conhecer algumas poesias de um poeta chamado Manuel Bandeira. Um poeta que sabia muito bem o que era ser um sobrevivente. Assim como eles.

– Nome engraçado, professora.

Ouviram com atenção a voz segura e doce da professora, recriando em suas cabecinhas as cores e os sabores das palavras. Não podiam imaginar que na casa da professora também tudo estava arrumado e a mesa posta.

✻ ✳ ☆

A Central de Trocas ficava bem no meio da praça principal da Vila, instalada em uma estrutura geodésica que nunca deixou de parecer provisória. Tubos metálicos cobertos com lona grossa, clara, com aberturas por onde o ar circulava. Ao lado, cercado por um alambrado, um conjunto de antenas apontava para as montanhas. Aquele era o único ponto da cidade conectado com o que sobrara da antiga internet. Uma rede que agora operava um protocolo man-

tido pelo Exército Aumentado, acessível apenas através do sistema que rodava na Central de Trocas.

Ao entrar, Cintia foi imediatamente reconhecida por uma IA.

– Bom dia, Cintia.

– Boa tarde, Central.

Ela sentou em um dos guichês dispostos em círculo dentro da estrutura. No centro, telas mostravam produtos, listas de ofertas e demandas de moradores da Vila e de outras comunidades. Havia muitas vilas, mas o comércio ficava restrito àquelas mais próximas. A distância aumentava muito o preço. A farinha de trigo que chegava do velho Paraná era talvez a mercadoria recorrente que vinha de mais longe.

Cintia passou os olhos pela usual rolagem de nomes e cotações, cores mudando seguindo as variações quase instantâneas de excesso ou escassez. Em sua bancada, uma tela já mostrava os dados particulares de sua conta.

Aparentemente, estava tudo certo. As entregas da remessa que ela tinha despachado no início da semana tinham sido feitas com sucesso e os créditos caíram exatos em sua conta. Havia inclusive novas encomendas, já cobrindo a produção que ela tinha estimado para o próximo mês. A cor azul ao fundo indicava que sim, havia uma demanda consistente para o shampoo natural que ela produzia e que ela poderia até ampliar a produção. E as estrelinhas mostravam que os usuários estavam felizes com o produto. Aquela linguagem gráfica era familiar para ela. Sabia muito bem como navegar naquele universo. Era uma versão muito mais simples e limitada de rede social, mas ainda assim dava para usar os velhos truques.

Abriu um novo comentário.

"Adorei seu shampoo, Cintia. Parabéns. Recomendo muito para todas que tiverem cabelos crespos. Fez muito bem para o meu. Alice, Vila de Jundiaí."

Mais uma fã, isso era bom para as vendas do shampoo. Ela tinha mesmo acertado. Sorriu com o comentário e lembrou da antiga máxima de nunca deixar uma fã sem resposta.

"Obrigada Alice, o shampoo é para isso mesmo, uma receita

especial com o melhor daqui das montanhas para você se sentir mais leve e bonita. Cintia, da Vila Mantiqueira."

Na seção com os seus pedidos também nada fora do normal. Tudo em espera. Ela não tinha pedido nada com urgência, então as previsões eram mais estendidas mesmo. Adicionou os itens para escola, pediu os livros.

– Vamos ver o que eles vão arrumar dessa vez.

Na escala de serviços, nada. Cintia até gostava quando era escalada para levar e trazer os cubos de energia. Esse serviço era sempre um bom pretexto para banhos de cachoeira. Ou, melhor ainda, quando era a vez dela fazer alguma manutenção nos equipamentos ou nas antenas lá em cima, no Costado.

Mas já fazia um bom tempo que ela não era chamada. Provavelmente o sucesso com o shampoo estava cobrando o seu preço. O sistema estava redistribuindo os serviços para quem não tinha produtos de exportação com tanta demanda.

A produção de energia era especialmente relevante para a Vila por causa do relevo montanhoso da região. Todos os dias, pelo menos uns quatro drones dos grandes trazia vários cubos de energia vazios para trocar por cubos carregados. Os cubos eram padronizados, leves, cada pessoa conseguia levar facilmente dois dos grandes ou duas caixas com vários pequenos. Uma vez acoplado a uma turbina, um cubo levava vários dias para ser carregado completamente. A carga era lenta, uma tecnologia de bateria física, com capacitores de carbono, mas um cubo carregado acumulava uma enorme quantidade de energia. Um deles ligado em casa durava meses. Supriam autonomia e força para os drones. O trabalho de levar o cubo x para a turbina y, localizada em algum ponto dos rios e cachoeiras em volta da Vila, e trazê-lo de volta era uma das atividades econômicas disponíveis para as pessoas. Bastava declarar os dias e horários livres para o serviço que o sistema da Central de Trocas cuidava de encontrar tarefas.

O excedente de energia, mais alguns produtos, como o shampoo natural de Cintia, eram trocados pelos produtos que a Vila não produzia e precisava importar. Tudo chegava ou saia transportado por

drones. As estradas não eram mais usadas e estavam quase todas bastante deterioradas.

– Por acaso alguma encomenda sua está atrasada?

A voz por trás dela era conhecida, mas não tão íntima a ponto dela ter certeza. Virou-se sem deixar de olhar também para a tela.

– Estava olhando isso agora. Com as minhas parece tudo certo. O que eu pedi está marcado para chegar semana que vem. Tem coisa sua atrasada? Ouvi gente comentando.

– Tem sim. E muita. Vai acabar zuando toda a minha produção. Aposto que a sua vai atrasar também, vai se preparando.

Aquele era um marceneiro, figura, que produzia cadeiras e utensílios com a madeira das árvores que tombavam com as chuvas do verão. Ele precisava importar parafusos, pregos, reposição para as ferramentas. Estava meio nervoso, alisando a barbicha comprida.

– Parece que tudo que depende do garimpo nas ruínas está enrolado. Tenho encomendas com mais de um mês de atraso.

– Vai ver que estão mexendo nos dados, otimizando alguma coisa. – Cintia falou por falar, claro que não era por isso.

– Sei não, está esquisito. O moleque do Valdir ficou lá vários dias contando os drones que chegaram e saíram. Ele falou que o movimento caiu bastante e que os horários estão todos bagunçados.

– Não reparei. Animado ele, hein? Ficar contando drones.

– É, eu que pedi para ele contar. Prometi fazer um brinquedo em troca, sabe? Um jogo de montar.

– Legal isso. Não quer fazer uns para a escola?

– Quando der uma brecha eu vejo. Pode ser.

– As crianças podem ajudar. Pensa aí.

– Beleza. Vou pensar em alguma coisa que seja divertida para a molecada. Mas precisa dos materiais. Tá complicado assim, viu? Os bonitinhos devem ter feito alguma cagada grande por aí.

"Bonitinhos" era um dos apelidos que as pessoas usavam para se referirem aos aumentados. As patrulhas que visitavam a Vila eram sempre formadas por quatro jovens, quase nunca os mesmos. Sempre um quarteto de moços e moças polidos, rostos e cabelos impecáveis, com uniformes pretos bem justos, destacando os corpos ma-

gros e atléticos. Servir nas patrulhas era o primeiro estágio para os jovens que entravam para o Exército Aumentado e eles faziam questão de mostrar o quanto se orgulhavam disso.

– E eles também estão meio atrasados. Não apareceram mais.

– Pois é. Tudo bem esquisito. Bem a cara deles, hehe.

O marceneiro já estava de saída. Mas ela ainda queria lhe fazer uma pergunta. Uma pergunta que era melhor fazer longe dos sensores. O alcançou ainda na praça.

– Espera. E daqueles dois, o Marquinhos e o Anselmo, alguém teve alguma notícia?

O barbicha espremeu as rugas do rosto. Tinha parentesco com um deles.

– Não. Continuam sumidos.

– Estão demorando desta vez.

– Todo mundo sabe que é perigoso andar por aí. Eles com essa mania que arrumaram de ir para o mato caçar. Podem estar perdidos, ou coisa pior.

– Eles se viram bem. Mas tanto tempo fora é mesmo preocupante.

– Era bom essa patrulha aparecer logo. A família toda está aflita.

– Amanhã vou subir até o Alto da Bica. Estarei de olho.

– Sei. Vê se toma cuidado você também.

✻ ✶ ✻

Da biblioteca até a rua onde ficava a escolinha todas as quadras pertenciam à parte plana da Vila, a parte mais antiga que ainda preservava o calçamento hexagonal das ruas, os portões de ferro e os velhos quintais murados e impermeabilizados com lajotas vermelhas.

Terminadas as atividades do dia, Débora foi para lá com as crianças. Faziam isso todas as semanas. Percorreram o trecho, sem percalços e distrações, em menos de dez minutos. Sexta-feira era o dia da semana que as famílias aproveitavam para limpar a escola e prepararem juntas um panelão caprichado para o almoço. Os pe-

quenos corriam afoitos para lá. Era sempre um dia divertido.

Nem todas as mães conseguiam participar do encontro todas as semanas, embora algumas nunca faltassem.

– Oi Débora, como foi a bagunça lá na biblioteca hoje?

– Tudo certo, todo mundo aprendendo. Eles são muito animados.

Débora era sempre simpática com todas elas, mas raramente precisava entrar em detalhes sobre o que acontecia nas aulas. As crianças falavam muito sobre o que aprendiam, eram incentivavam a isso por suas professoras.

As famílias pareciam satisfeitas e a empolgação nos cuidados com a escola, sustentada ao longo de tanto tempo, era uma excelente medida dessa satisfação.

Ela, Débora, gostava bastante daqueles longos almoços das sextas. Gostava de observar as mães, como eram, como agiam, como olhavam para suas crianças. Todo o amplo espectro das mães e as muitas diferenças que existiam entre elas, mesmo ali naquele pequeno grupo. E, claro, aquela inconfundível substância, única e invariável, que define todas as mães. Débora, em seu íntimo, cultivava a expectativa de experimentar em si mesma a circulação dessa substância. Não tinha pressa, mas sabia que um dia seria mãe. Ela queria muito.

– E a Cintia? Não vem hoje, não?

Cintia saíra um pouco mais cedo da biblioteca, quieta, sem dizer direito se voltaria ou não. Ela era assim mesmo, imprevisível. Não participava cem por cento de todas as atividades, nem das que ela mesmo propunha e organizava.

– Ela não me falou se depois viria para cá. Sei que foi até a Central de Trocas. Pode ter se enroscado por lá.

– Ainda bem que as crianças têm você para ajudar. Aquela lá, se fosse para depender só dela – a mãe soltou uma bufadinha impaciente – vou te contar, viu?

– É o jeito dela.

– Pois é. Pelo menos ela te deixa fazer as coisas.

Débora se segurou para não começar a falar sobre o tanto que já

aprendera com Cintia e sobre tudo que ainda tinha para aprender. Sorriu, respirou. Alguns moradores da Vila não sabiam apreciar virtudes em pessoas que eram diferentes daquilo que eles gostariam que elas fossem. Era sempre prudente ir com calma.

– Sim, sim. Também sou professora, né?

– E boa professora, viu? Meu filho fala muito de você.

– Ah, obrigada. Ele é que é um fofo.

O almoço, encaminhado desde o meio da manhã pelas mães, só entrava na fase final de preparo com a chegada das crianças. O alarido das primeiras correndo pelo pátio era a senha para aumentar a potência das placas de aquecimento, preparar o suco e finalizar a salada. As próprias crianças ajudavam a organizar as mesas, distribuir os pratos e as canecas de plástico, alinhar os talheres. Contavam as pessoas, conferiam a disposição de tudo, principalmente a ordem das cores e das cadeiras.

O céu carregado já bloqueava o sol naquele início de tarde, mas não o calor. Nuvens de verão, modeladas continuamente pelo mesmo ar quente que se somava àquele que saia apetitoso da cozinha, desdobravam-se ansiosas sobre o vazio, idênticas aos muitos estômagos que esperavam pelo almoço.

– Débora, por que você não se inscreve para a próxima seleção?

– Não penso muito nisso, não.

– Você é tão bonita, organizada. Você está na idade certa, acho que tem muita chance de entrar. Não tenho dúvida disso. Na verdade, daqui da Vila você é quem mais tem chance.

Débora sorriu polidamente enquanto procurava algum pretexto para fugir daquela conversa. Ela não queria se inscrever. Não, definitivamente não. Entrar para o Exército Aumentado podia ser o sonho de muitos, inclusive o de várias de suas amigas, mas não era o dela.

– Faz tanto tempo que eles não selecionam ninguém daqui – a mulher insistia. – Estão exigindo cada vez mais. Mas não custa tentar, né? E, olha, vou te dizer isso de novo, acho que você tem chance. Menina, você tem o perfil que eles querem, escuta o que estou te falando.

– É, vou pensar, vou pensar sim – Débora disse para não esticar o assunto, já escapando para o lado da cozinha. – Vamos lá ajudar a trazer a salada?

É claro que todos sabiam que o Exército Aumentado tutelava a Vila e, indiretamente, também a vida das pessoas. Na prática, entretanto, a interferência no dia-a-dia era mínima. Os aumentados atuavam principalmente em assuntos do mundo externo, distantes. Para a maioria dos moradores da Vila, aquelas pessoas diferentes, elegantes, inteligentes ao extremo, simbolizavam um poder maior, incompreensível, temível. Talvez por causa disso, ou por algum processo psicológico obscuro, aquele era também um poder desejável, um lugar desejado pelas pessoas comuns. Os processos de seleção para o Exército Aumentado, abertos de tempos em tempos, amplamente divulgados pelas patrulhas e por infindáveis circulares e postagens oficiais na Central de Trocas, eram muito concorridos. Ter um filho escolhido para o Exército Aumentado era motivo de orgulho para as famílias e não era diferente com a família de Débora. Uma oportunidade única e especial para garantirem algum espaço no futuro. Um futuro que ademais permanecia incerto, indefinido, em suspenso.

✲ ✳ ✣

A chuva grossa que desabou no meio da tarde economizou o trabalho de regar a horta. No quintal, Cintia tinha verduras, abobrinhas, berinjelas, algumas frutas e boa parte dos ingredientes que usava em seus produtos. Por morar sozinha, o terreno e sua casa eram menores do que a média. Nos fundos da casa, colado na cozinha, havia um pequeno galpão, que ela chamava de fábrica. Era também usado pelos vizinhos quando precisavam processar coisas que colhiam em maior quantidade.

A fábrica tinha duas entradas opostas. Para o lado sujo, com uma bancada para lavar e organizar a preparação dos produtos. Em um dos cantos uma velha impressora 3d produzia os vasilhames. Usava um filamento biodegradável sintetizado com polvilho, cera e pigmentos naturais, obra de um artesão talentoso de uma vila perto

de Sorocaba. O pote estiloso do shampoo tinha o formato de um mini cubo de energia, com um de seus vértices como tampa.

Uma portinhola ligava a bancada de limpeza à sua irmã que ficava do lado limpo do galpão. Do lado limpo, ficavam os demais utensílios da produção, além de uma geladeira, um freezer e algumas placas de aquecimento. Tinha ali também um secador de frutas feito de madeira, um modelo antigo com ventiladores e resistências, que muita gente da Vila usava.

Abriu o freezer e contou mais ou menos o estoque que restava de cada ingrediente para o shampoo. Parte da receita do seu "no-poo" ela plantava em casa, a babosa, a calêndula, as ervas aromáticas. Os frutos do saboeiro e do tamboril, que forneciam a base saponácea natural, ela conseguia da mata. E esse era o gargalo para aumentar a produção. Do saboeiro, ela tinha colhido fazia pouco tempo, e até dava tempo de pegar mais porque ainda estava na época. O tamboril, só a partir de junho. Não podia mudar as proporções, ela tinha otimizado a fórmula e sabia que não tinha muita margem para mudanças. Na horta, podia ampliar um pouco alguns canteiros, mas não tinha mais muito espaço. Talvez uma bancada em degraus otimizasse a insolação nos vasos de babosa e aumentasse a produtividade. Seria um jeito de adensar.

Estava tão absorta em suas contas e conjecturas que nem percebeu a chegada da Débora.

– Por que você não foi lá para o almoço na escola?

– Oi, Débora. Acabei esticando a prosa lá nas Trocas. E gente para cuidar dos pequenos hoje não faltava, certo?

– Sim, o almoço estava cheio. Perguntaram de você. Mas e aí? Suas entregas estão atrasadas também?

– As minhas não, mas o pessoal está mesmo reclamando. E bastante.

Cintia inspecionava concentrada cada um dos canteiros.

– Encontrei o tio do Anselmo por lá – falava sem olhar para Débora. – Estão preocupados com os meninos.

Débora vivia fugindo dos galanteios de Anselmo.

– Eu não estou. Coisa ruim não some assim tão fácil.

Cintia riu. Até porque sabia que a menina, como todo mundo, estava também preocupada. Mas, no caso dela, a preocupação atendia pelo nome de Marquinhos.

– Eles sabem se cuidar. O Marquinhos especialmente – Cintia ponderou enfatizando de propósito o nome do rapaz.

Débora ficou vermelha. Olhou em volta querendo mudar logo de assunto.

– E você, o que está aprontando aí no meio dessa lama?

– Então, estava aqui pensando no que fazer para aumentar a produção do shampoo.

– Continua vendendo bem?

– Sim, parece que tudo o que eu conseguir produzir, vende. Está fazendo sucesso.

– Que bom, então é só fazer mais.

Para Débora tudo era simples.

– Não é assim fácil, senhorita. Preciso do tamboril que só dá no inverno. Tenho que me programar para conseguir dobrar pro ano que vem. Mas mesmo aqui, com as babosas, já falta espaço. Mas dela dá para colher mais de uma vez por ano. Usar uns vasos menores, ir colhendo e pré-processar com antecedência.

– Tem espaço lá em casa, dá para levar um tanto desses vasos para lá.

– Não inventa, Débora. Certeza que seus pais não iam gostar. Outro dia já me deram uma indireta.

– Sério? O que falaram para você?

– Foi bobagem, deixa para lá. Mas sei lá o que você fala de mim para eles.

– Eu? Nada de mais, conto as coisas que fazemos na escola e as coisas que aprendo com você. Mas não todas. Eles não entendem quase nada de computadores. Nem desses livros que você sempre fala.

– Ficam com medo, Débora.

– Que nada! Tudo bem que de longe você pode até parecer um pouco aquelas bruxas da floresta. Sozinha. Colhendo musgos e fazendo poções de babosa com pele de sapo.

Fez uma corcunda e puxou as bochechas para baixo, forçando uma risada de desenho animado.

– Você é quem leva jeito. Vai ficar assim mesmo se continuar sendo aprendiz da bruxa.

– Eu não. Mas eu sei que não é nada disso. Para mim, você é a pessoa mais interessante desta Vila. Só que não é todo mundo que te entende.

– Sempre foi assim, estou acostumada. Não adianta querer que todos te entendam. Isso só gera tensão. Tem que manter as relações em um nível que dê para manejar. Por isso, esquece isso de levar meus vasos para a sua casa.

– Tá certo, você é quem manda.

– Ai, Débora, eu não mando nada. Que coisa.

A garota estampava um sorriso irônico, os olhos muito vivos.

– Ou melhor, já que eu mando – Cintia revidou – me ajuda aqui a tirar o mato. Com cuidado, para sair junto com os bulbos. Tá vendo?

Débora sempre aprendia coisas novas com sua amiga bruxa. A terra molhada soltava as raízes das tiriricas e dos trevos.

– Se não tirar o bulbo inteiro, a praga nasce de novo – Cintia explicava enquanto esmagava vários deles recém retirados da terra. – É como o Exército Aumentado. A gente só vê as folhas novas que aparecem. Só que para matar de verdade tem que atacar o bulbo.

– O que que tem a ver? Como assim atacar o bulbo? Você acha que eles têm um comando central escondido?

– Certamente. E, enquanto bobeamos, vão semeando novos bulbos dentro das pessoas. Em cada uma delas, sem que elas percebam.

Débora não entendeu muito bem o que ela queria dizer, mas não falou nada. Cintia sabia de cada coisa.

Dentro do silêncio da tarde, dava para ouvir o som da chuva recomeçando, aos poucos, não muito longe dali. A posição do sol e do som fizeram as duas intuitivamente olharem para o lado certo, exatamente para onde o arco-íris estava se formando.

“Pedroca adorava isso.”

– Olha Cintia, que lindo!

Apesar de tudo, o mundo continuava extraordinário. Desde os pequenos detalhes, o cheiro de terra, a umidade que subia salpicada da presença de temperos e flores, até o grandioso arco colorido que fazia aquele céu as abraçar.

As duas, paralisadas, foram imediatamente alçadas a outros pensamentos. Acima delas, o arco do tempo. Um contínuo que misturava vida e morte, presença e ausência. A beleza enorme de um poder transcendente, vertical, capaz de dissolvê-las e torná-las o centro daquele instante. Estavam conectadas ao universo, um universo sem tamanho. Como se tudo o que um dia já existiu e tudo o que ainda estava por existir fizessem parte, junto com elas, de um mesmo todo.

– Tem uma coisa, Débora, que você ainda não sabe.

– Acho que tem muitas.

– É sério, uma coisa minha, pessoal.

Débora parou e olhou para Cintia. A conexão entre elas era cada vez maior, Cintia sentia.

– Hoje é o aniversário do meu filho.

Os olhos de Cintia ficaram molhados.

Débora não sabia o que dizer. Nunca tinha visto aquela mulher chorar.

Cintia também ficou calada, sentindo uma emoção confusa. Tinha cruzado uma linha importante, irreversível. A ligação afetiva agora se precipitava, adentrava um novo compartimento.

– Ele se chama Pedro. Mas não está mais aqui.

– Você, você nunca disse nada.

– Faria diferença?

A menina apertou longamente as mãos sujas de terra de Cintia.

– Não faria.

A chuva começou a molhar novamente a horta. Vinha miúda, sem vento.

– Venha, vamos entrar e fazer um chá. Hoje tem bolo.